

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Fernanda Fukushima do Nascimento

As filhas da escuridão: a construção de uma narrativa distópica sobre o feminicídio

Juiz de Fora
2023

Fernanda Fukushima do Nascimento

As filhas da escuridão: a construção de uma narrativa distópica sobre o feminicídio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários. Área de Concentração: Criação Literária.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Graça Faria

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fukushima, Fernanda.

As filhas da escuridão : a construção de uma narrativa distópica sobre o feminicídio / Fernanda Fukushima. -- 2023.
64 f.

Orientador: Alexandre Faria

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2023.

1. Feminicídio. 2. Distopia. 3. Narrativa. 4. Escrita literária. I. Faria, Alexandre, orient. II. Título.

Fernanda Fukushima do Nascimento

As filhas da escuridão:

a construção de uma narrativa distópica sobre o feminicídio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 12 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Graça Faria - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Prisca Rita Agustoni de Almeida Pereira - Membro Titular Interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Giovanna Ferreira Dealtry - Membro Titular Externo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi - Suplente Interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Lia Duarte Mota - Suplente Externo

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Juiz de Fora, 24/08/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Graca Faria, Professor(a)**, em 12/09/2023, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Prisca Rita Agustoni de Almeida Pereira, Professor(a)**, em 16/09/2023, às 22:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giovanna Ferreira Dealtry, Usuário Externo**, em 18/09/2023, às 17:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1428444** e o código CRC **BA133ED5**.

Este projeto é dedicado a todas as vítimas de feminicídio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Alexandre Faria, por ter acreditado neste projeto e na história de Nísia tanto quanto eu. Sou extremamente grata pela empatia e respeito com todos os percalços que enfrentei durante os anos do mestrado. Para além disso, suas contribuições pertinentes, leitura apurada e comentários preciosos tornaram-me uma escritora muito melhor do que aquela que entrou no programa de pós-graduação em letras se sentindo uma verdadeira forasteira. Hoje, entendo que a linha de pesquisa em criação literária é a minha verdadeira paixão e, grande parte dessa descoberta, foi você que ajudou a florescer.

Agradeço também à Professora Prisca Agustoni por ter aceitado participar da banca de qualificação. No entanto, suas contribuições para minha formação como mestre não se restringiram a isso. A disciplina sobre os Brasis de ontem e hoje, ministrada em 2021, foi fundamental para que eu pudesse me reencontrar com temas essenciais para este projeto.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para que eu pudesse me dedicar a essa dissertação. Vocês sabem quem são.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma composição em dois níveis: uma história ficcional, *As filhas da escuridão*, inédita, escrita durante o período de mestrado, e um ensaio reflexivo complementar, servindo como uma espécie de diário de escrita, uma base de apresentação do processo de produção da narrativa. *As filhas da escuridão* é um romance distópico sobre o feminicídio escrito, especialmente, para jovens leitores que estão tendo os primeiros contatos com este tema. O texto narrado por Nísia, personagem principal, é um breve percurso ficcional e literário das minhas próprias experiências sendo mulher, de colegas e de tantas outras que me inspiraram com suas histórias, umas que, infelizmente, foram vítimas do feminicídio. Para além disso, referências autorais, referências teóricas, conversas ficcionais e pessoais nortearam a criação do mundo, personagens, enredo e toda a redação da obra. Esta dissertação é resultado de um processo pioneiro no programa de pós-graduação stricto sensu em Criação Literária da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Palavras-chave: Criação literária. Distopia. Feminicídio.

ABSTRACT

This dissertation presents a composition on two levels: a fictional story, *As filhas da escuridão*, unpublished, written during the master's period, and a complementary reflective essay, serving as a writing diary, a basis for presenting the production process of the narrative. *As filhas da escuridão* is a dystopian novel about femicide written especially for young readers who are having their first contacts with this topic. The text narrated by Nísia, the main character, is a brief fictional and literary journey of my own experiences as a woman, of colleagues and of many others who inspired me with their stories, some who, unfortunately, were victims of femicide. In addition, authorial references, theoretical references, fictional and personal conversations guided the creation of the world, characters, plot and the entire writing of the novel. This dissertation is the result of a pioneering process in the *stricto sensu* pos-graduate program in Literary Creation at the Federal University of Juiz de Fora (UFJF).

Keywords: Literary Creation. Dystopian. Femicide.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Print hashtag ParemDeNosMatar no Twitter em 2018	11
Figura 2 - Print hashtag ParemDeNosMatar no Twitter em 2022	12
Figura 3 - Relembre casos de feminicídio que chocaram o país nos últimos meses	21
Figura 4 - Mãe e filha são vítimas de tentativa de feminicídio em Ceilândia	22
Figura 5 - Polícia crê em feminicídio ou vingança em morte de mulher ao comprar fralda ...	23
Figura 6 - Mariana Bazza, vítima de feminicídio, fotografou o homem que tirou sua vida	24
Figura 7 – A vítima de feminicídio que morreu com a medida protetiva no bolso	25
Desenho 8 – Corredor interno do Esconderijo	34
Desenho 9 – Mapa de Najee	35

SUMÁRIO

1. REFLEXÕES POLÍTICAS	10
2. COMO TUDO COMEÇOU	11
3. RELAÇÕES DE GÊNERO	14
4. O FEMINICÍDIO	16
4.1 OUTRAS INFORMAÇÕES IMPORTANTES	19
5. UMA CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE DISTOPIA	26
6. A PRÁTICA	31
6.1 O ENREDO	33
6.2 OS CENÁRIOS	33
6.3 ESTRUTURAÇÃO DA NARRATIVA	36
6.3.1 Pontos-chaves do romance	36
6.3.2 Questão existencial da personagem principal	40
6.3.3 Motivações da personagem principal	41
6.3.4 Objetivos da personagem principal	41
6.3.5 Transformação da personagem principal	42
6.3.6 Sinopse da história do livro	42
6.3.7 Resumo da história do livro	42
6.3.8 Linha do tempo da história do livro	49
6.3.9 Relação onomástica	52
7. REFLEXÕES FINAIS	54
8. REFERÊNCIAS	55

1. REFLEXÕES POLÍTICAS

Quando o terceiro filme da saga Jogos Vorazes estreou nos cinemas tailandeses, diversos adolescentes foram para a rua protestar contra um golpe de estado ocorrido no país ainda no mesmo ano (2015). Os protestos consistiam em erguer os três dedos do meio, uma saudação usada na obra de Suzanne Collins como símbolo dos descontentamentos do povo ao governo totalitário estabelecido na narrativa. Esse gesto foi feito nas aparições públicas do Primeiro-Ministro tailandês, o general Prayuth Chan-ocha. Nas ocasiões, os manifestantes foram presos, e, após o acontecido, o longa-metragem deixou de ser exibido nos cinemas do país¹.

Esse episódio mostra como uma narrativa fictícia, pode despertar a consciência política dos jovens, que conseguem se identificar com as situações vivenciadas por uma personagem e, assim, sentirem-se mais responsáveis em se posicionar publicamente dentro da sociedade. A preferência literária tem muito a mostrar. Um levantamento feito pelo portal GoodReads, em 2012, mostrou que o número de romances distópicos procurados no século XXI é o maior desde a década de 1960².

"As fantasias predominantes de até algum tempo atrás foram substituídas por grandes tramas políticas ambientadas em mundos destruídos e fragmentados, nos quais o jovem é oprimido e responsável pela mudança da sua realidade. Ele é confrontado com toda a complexidade da estrutura social e relações de poder do mundo ficcional que se apresenta, e, conseqüentemente, incentivado a refletir criticamente sobre o mundo real em que vive" (RODRIGUES, 2015, p. 10).

É, por isso, que ousou a observar que as distopias lançadas nos últimos anos auxiliaram a moldar a forma de pensar dos jovens.

E, nisso, me incluo. Sendo um dos meus gêneros literários favoritos, gosto especialmente das manifestações políticas dessas obras e da capacidade que elas têm de serem um retrato pungente da realidade social vivida no século XXI. Dessa forma, trazer reflexões sobre esse tema é bastante importante e relevante.

¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-30110280>. Acesso em 3 dez. 2022.

² Disponível em: Disponível em: <https://www.goodreads.com/blog/show/351-the-dystopian-timeline-to-the-hunger-games-infographic>. Acesso em: 20/04/2022.

2. COMO TUDO COMEÇOU

Foi na rede social *Twitter* que encontrei pela primeira vez a inspiração para o romance que proponho. Uso a plataforma desde de 2018 e observei neste ano um grande *bum* da hashtag *ParemDeNosMatar*. Nessa época, foi utilizada cerca de 3 vezes por segundo, o que fez com que entrasse para os trending topics, ou seja, os assuntos mais comentados do momento no mundo e, até novembro do mesmo ano, permaneceu empregada em *tweets*, mas de maneira menos usual.

Figura 1 – Print hashtag *ParemDeNosMatar* no Twitter em 2018



FONTE: Twitter (2018)

Figura 2 – Print hashtag ParemDeNosMatar no Twitter em 2022



FONTE: Twitter (2022)

A partir da visualização da *hashtag*, comecei a ler variadas histórias sobre feminicídio e, assim, tive a certeza de que era isso o que eu iria abordar em minha narrativa. Afinal, escrever uma obra de ficção, nada mais é do que exercer sua humanidade (BRASIL, 2019). Para que eu pudesse produzir um romance que fosse necessário e fizesse sentido para mim, eu precisava me envolver de forma psíquica, emocional e pessoal com a história e isso só seria possível se partisse de experiências da minha vivência, neste caso, ser mulher.

A certeza foi ainda mais concretizada quando, no dia 14 de março de 2018 a notícia da morte de Marielle Franco. A vereadora do Rio de Janeiro foi assassinada com quatro tiros na

cabeça. Mulher, negra, vereadora, nascida e criada da favela da Maré e mãe: todas são palavras que descrevem Marielle; todas razões dos treze disparos efetuados contra o carro que ela estava (GLOBO, 2019)³.

Com isso, uma revolução começou em mim. Comecei a pesquisar mais sobre a morte de mulheres no Brasil e o resultado foi alarmante: a situação era muito pior do que eu previamente tinha conhecimento. Esse assassinato, que agora está marcado na história brasileira, trouxe reflexões sobre as políticas públicas em relação aos homicídios cometidos a mulheres pelo simples fato de serem mulheres.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/07/24/o-que-se-sabe-sobre-as-mortes-de-marielle-franco-e-anderson-gomes.ghtml>. Acesso em 20 abr. 2022.

3. RELAÇÕES DE GÊNERO

O foco deste trabalho é o feminicídio, no entanto, é necessário ir muito além deste termo para reconhecer o problema que é resultado de anos de questões envolvendo a dualidade entre homens e mulheres. Por isso, considero importante entender o que são as relações de gênero e como elas se dão no cenário atual.

Auad (2003), afirma que esse termo vai além de questões biológicas, é um alongamento de representações que a sociedade constrói como símbolo e significado de o que é ser homem e mulher. Jesus (2012), concorda explicando que a diferença entre esses dois gêneros se dá pela construção social.

Ademais, as autoras expõem que o social é praticamente invisível aos olhos, por isso, muitas vezes acha-se que a distinção entre homens e mulheres é puramente conata, em resumo, “sexo é biológico, gênero é social” (JESUS, 2012, p. 8). Auad (2003) desenvolve essa questão ressaltando que quando se nasce mulher espera-se que este indivíduo recuse tudo o que é considerado masculino e vice-versa.

Para Butler (2003) e Crenshaw (2002), existe o equívoco de acreditar que ser mulher é uma identificação comum a todas. Ser mulher não é tudo o que uma pessoa é, existem outros fatores, que variam de acordo com um período histórico, contribuindo para uma identidade social do ser-humano. Além disso, Butler (2003), explica que existem intersecções de gênero com raça, classe, etnicasexual e regionalidades, para afirmar a identidade de uma mulher.

Crenshaw (2002) vai mais longe, para além das identidades sociais de Butler, a autora acredita que as questões de gênero se interseccionam com casta, cor, religião, origem nacional e orientação sexual. Para as autoras, essas diferenças interseccionais contribuem para a vulnerabilidade dos diversos grupos do gênero feminino.

Assim como há uma gama de identidades femininas, existem também diversos feminismos. Auad (2003), explica que esse movimento é político e social, já que investiga questões de poder, submissão e abuso de um grupo sobre outro. Além disso, esse movimento busca uma renovação na sociedade, economia, política e nas identidades, ou seja, não é queimar de sutiãs e andar com os seios a mostra.

A autora coloca que é possível tanto mulheres como homens serem feministas, já que a batalha feminista consiste em lutar contra o machismo, sexismo e a depreciação da mulher. Para cada uma dessas batalhas, foram séculos de luta de mulheres que buscavam a equiparidade de direitos.

Pasinato *et al* (2016) afirma que os movimentos nacionais e internacionais feministas foram fundamentais para dar visibilidade a causa do feminicídio, mas apesar de todas as lutas, as violências ainda continuam acontecendo de forma banal, colocando as mulheres como seres vulneráveis e em um cenário extremamente instável e inseguro.

Essa realidade parte de uma cultura machista. Venturi e Godinho (2013), afirmam que os homens utilizam a violência como forma de reforçar estereótipos do gênero, com a intenção de colocar a mulher em seu “lugar” submissa a ele. Beauvoir afirma que “a humanidade é masculina” (BEAUVOIR, 2009, p. 16) e que ele é o Sujeito, ou seja, o essencial, enquanto a mulher é o Outro, inessencial.

O machismo existe e ele é definido por ser “um sistema de representações simbólicas, que mistifica às relações de exploração, de dominação, de sujeição entre homem e a mulher” (DRUMONT, 1980, p. 81). Mediado por uma supremacia de o que é conhecido por masculino.

E assim é formada uma cultura dual onde homens e mulheres são pólos opostos, em que um gênero deve ignorar ser tudo que o outro é. Auad (2003) afirma que a mulher é constantemente vista como inferior, pois se tem a ideia de que ela está sob a responsabilidade de um homem, servindo como um objeto sexual para ele.

A autora continua explicando que a sexualização da mulher pelos homens iniciou-se quando eles perceberam que faziam parte da reprodução humana, tanto quanto elas. Assim, “a virgindade e a monogamia feminina começa ser enaltecida como valores e regras” (AUAD, 2003, p. 23) e a partir disso, o casamento vem para selar esse pacto entre o homem e a mulher.

Por consequência dessas ações o corpo da mulher não é mais percebido como dela e sim do marido e/ou da sociedade, como reflexo, Crenshaw (2002) alerta para o “controle forçado a natalidade e a imposição de punições econômicas e outros desestímulos à gravidez” (CRENSHAW, 2002, p. 179). Desse modo, já é naturalizado a submissão da mulher, resultando em atos extremos como o feminicídio.

4. O FEMINICÍDIO

Esse tipo de crime recebeu a nomenclatura em 1976, de feminicídio. O termo foi usado pela primeira vez por Diana Russel no Tribunal Internacional Sobre Crime Contra Mulheres, para caracterizar o homicídio de mulheres pela razão de serem mulheres (MENEZES; PORTELLA, 2017). Ele trouxe ênfase para essa violência, já que, anteriormente era invisibilizada pela falta de uma expressão que a caracterizasse.

Assim, se na segunda metade do século XX já se discutia esse crime, passado quase meio século, é questionável a razão dos números de feminicídio estarem aumentando. Dados do Mapa da Violência no Brasil mostram que de 1980 a 2013 os feminicídios apresentaram um aumento de 252% (CERQUEIRA *et al*, 2018).

Em 2006, com a criação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340), foi possível dar um grande passo na luta contra a violência de gênero. Essa “Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher,”⁴ na justiça se “configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”⁵.

No entanto, o cenário de violência contra a mulher atravessa as portas do ambiente doméstico, de tal forma que, em 2015, foi sancionada a Lei nº 13.104 que prevê feminicídio entre as classificações de crime.

As diretrizes formuladas nesse documento abrangem o tipo penal, sem, contudo, se limitarem a ele, devendo ser aplicadas a investigação, processo e julgamento de todas as mortes de mulheres com indícios de violência, orientando a busca de evidências sobre as razões de gênero que motivaram o comportamento delitivo e resultaram na morte da mulher (PASINATO *et al*, 2016, p. 16).

Em 2019 foram mais de 200 feminicídios apurados no Brasil (GLOBO, 2019)⁶, isso significa dizer que a cada dia, três mulheres são mortas pela simples razão de serem mulheres, por seus parceiros, amigos, familiares ou desconhecidos. Entre 2020 e 2021, anos de maior incidência da pandemia de covid-19, houve 2.451 feminicídios e 100.398 casos de estupro e estupro de vulnerável acometidos às mulheres (BUENO *et al*, 2022).

⁴ BRASIL, Lei n. 11.340/06 de 07 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 05 mai. 2022.

⁵ _____. Lei n. 11.340/06 de 07 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 05 mai. 2022.

⁶ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/mais-de-200-feminicidios-ocorreram-no-pais-em-2019-segundo-pesquisador-23505351>>. Acesso em 20/04/2022.

Essa violência contra pessoas do gênero feminino, gênero aqui entendido como “processo histórico e prática social vivenciados tanto nas relações cotidianas [...] como nas reformulações identitárias que os sujeitos vivenciam ao longo da vida” (VENTURI;GODINHO, 2013, p. 48), possuem diversas causas e não é um fenômeno homogêneo.

De acordo com o Atlas da Violência de 2018, organizado por Cerqueira *et al* (2018), o feminicídio é dividido em três categorias: o reprodutivo, o sexual e o doméstico. O primeiro é quando acontece a morte por aborto, decorrentes do controle sobre o corpo feminino e da liberdade da mulher. O segundo pode ser observado por meio do “CID-10, Y05 Agressão sexual por meio de força física” (CERQUEIRA *et al*, 2018, p. 47) e finalmente o terceiro pode ser considerado pelo local onde ocorre o crime, neste caso no ambiente doméstico.

Já as autoras de “Feminicídio: conceito, tipos e cenários” discordam de Cerqueira *et al* (2018). Para elas há quatro configurações de feminicídio: criminalidade, doméstica e familiar, violência interpessoal e violência cometida por parceiro íntimo. Meneghel e Portella (2017) ainda reforçam que essa agressão não é homogênea e está relacionada com outros fatores sociais como renda, taxa de fecundidade, chefia feminina, raça e cor.

Pasinato *et al.* (2016) vai mais longe e classifica o feminicídio em relação a proximidade com o(a) assassino(a) podendo ser: íntimo (morte da mulher tinha algum tipo de relação com seu(ua) assassino(a)) e não íntimo (morte da mulher não tinha nenhum tipo de relação com seu(ua) assassino(a)).

A autora também utiliza a categoria infantil (morte de uma menina com idade inferior a 14 anos), familiar (o(a) assassino(a) pressupõe relação de parentesco com a vítima), por conexão (morte de uma mulher que está no mesmo lugar que o(a) assassino(a) tenta matar outra mulher), sexual sistêmico (feminicídio de mulher previamente sequestrada, torturada e/ou estuprada, seja planejado ou não), por prostituição ou ocupação estigmatizada (mulher é morta por exercer prostituição ou profissões como stripper, garçonete, dançarinas, etc), por tráfico de pessoas (morte de mulher que estavam em situação de tráfico, trabalhos forçados, escravidão ou práticas análogas) e por contrabando (morte de mulher que estão em situação de contrabando de imigração).

Pasinato *et al.* (2016) também utiliza de categorias em relação a identidade de gênero como feminicídio transfóbico (morte de mulher que é transgênero ou transexual) e lesbofóbico (morte de mulher lésbica). Outro grupo são os feminicídios racistas (morte de mulher em razão da sua etnia, raça ou traços) e morte por mutilação da genital feminina (morte de mulher em razão da mutilação de sua genitália).

Independentemente da classificação é observado que o ato de matar não é isolado e sem precedentes, há um caminho de violências, agressões físicas e psíquicas aplicadas contra a mulher que chegam no final, a culminar na sua morte por homicídio da. Em meados dos anos 2000, esse ato era conhecido por crime passionai.

Os crimes passionais eram caracterizados por crueldades envolvendo casais. Muitos dos supostos autores dos crimes não chegavam a ser julgados e outros foram absolvidos da pena pela justificativa de “legítima defesa da honra” (PASSINATO *et al*, 2016), uma honra exclusivamente masculina.

Aqui testemunha-se uma sociedade majoritariamente patriarcal, em que a mulher é vista como posse do companheiro e por isso submissa a ele. É agredida e violentada para que homem a mantenha sob controle. O feminicídio é resultado da conservação de uma soberania masculina.

A pandemia de covid-19 com suas consequências, isolamento social, quarentena e outras medidas de contenção do vírus, alteraram o cenário que normalmente era vivido pelas pessoas. O convívio das mulheres com seus companheiros se tornou maior, na mesma medida que a falta de acesso a rede de serviços de apoio. Duarte e Katiwce (2022) observaram que, desse modo, se compararmos os anos de 2019 e 2020 houve um aumento de 22% casos de feminicídio no Brasil em doze estados. O que mais chama a atenção é o Acre, com 300%.

No entanto, por se tratar de um tema ainda muito recente, tive dificuldade de achar dados recentes que embasassem o projeto. A saída foi encontrar em documentos das áreas de direito, assistência social e saúde e, assim, consegui fazer uma apuração satisfatória do feminicídio e entender esse problema no cenário brasileiro atual.

Porém, o que observei nessas constatações, a violência incessante, o silenciamento das vítimas e a manutenção de uma hegemonia masculina, não foi nada animador. O número de mortes por feminicídio não diminuiu. As violências estão cada vez mais brutais e chocam menos. Os meios de comunicação passaram a noticiar dentro da sessão "cotidiano", dando a ideia de ser algo banal e ordinário. Sendo assim, ficou claro que o futuro não parece promissor, parece que estamos indo no caminho contrário de uma utopia, em que podemos imaginar um mundo onde a violência contra mulheres é erradicada.

Com isso, as pesquisas me levam a acreditar que caminhamos na direção de uma distopia, onde o cenário é caótico e desanimador. Por isso, busquei compreender sobre as narrativas distópicas, com um foco especial na literatura jovem-adulto. Foram coletados textos sobre o assunto, que depois se transformaram em informação para o projeto.

4.1 OUTRAS INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Os números de feminicídio não são resultado fidedigno ao cenário atual, pois nas declarações de óbitos que estão inseridos no Sistema de Informação de Mortalidade (DATASUS) não há a classificação de causa da morte como feminicídio. Desse modo, é “impossível classificar às mortes femininas por agressão, como femicídios ou feminicídios, já que não contam com informação referente ao agressor e à intencionalidade do evento.” (MENEGHEL;PORTELLA, 2017, p. 3082). Observando esses fatos podemos concluir o descaso em relação às políticas públicas em relação ao tema.

Fomentar a discussão e trazer um cenário radical onde a morte a mulheres pelo fato de serem mulheres é comum, pode trazer ainda mais atenção ao tema e atentar jovens mulheres sobre os perigos de um relacionamento abusivo, assim como oferecer ferramentas para que elas possam identificá-lo.

Como mulher, vejo o tema com uma importância pessoal, já que, estou inserida em uma cultura patriarcal e machista. Todas às vezes que duvidam da minha capacidade de exercer alguma função considerada de homem, sempre que observo companheiros proíbem as mulheres de saírem de casa sem eles e em muitas outras situações que já estão enraizadas como naturais em nossa sociedade, fazem com que a hegemonia machista se intensifique, dando moral para que eles possam se sentirem no direito de violentar e agredir mulheres.

É possível de afirmar que esse é um tema atual e relevante socialmente pois as mulheres correspondem a 51,6% da população brasileira⁷. Apesar de ser a maioria dentre a população do Brasil, as mulheres ainda enfrentam muitos obstáculos para garantir seus direitos e estão presas às garras de uma sociedade patriarcal.

Dentre as pesquisas realizadas neste trabalho não foi encontrado nenhum outro livro distópico brasileiro para o público juvenil que aborda esse tema e tenha o intuito de instigar e alertar para o futuro alarmante a que estamos indo em direção, mas, principalmente, advertir para o presente, portanto, o produto final deste projeto é inovador na área da literatura brasileira.

O feminicídio é um problema de saúde pública, é um problema político e social. Fechar os olhos para esse fato é reafirmar a soberania masculina sobre as mulheres e voltar os passos conquistados por lutas feministas ao longo do século. Por isso é necessário a discussão tanto em um âmbito micro quanto macro social.

⁷ Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>>. Acesso em: 20/04/2022.

É preciso ouvir sem julgar, não pressionar a mulher para denunciar, traçar planos de cuidado, ajudar a construção de redes de suporte e, principalmente, identificar quando a situação é de risco imediato e, nestes casos, agir rapidamente para proteger a vítima. (MENEGHEL;PORTELLA, 2017, p. 3083).

Este projeto trata-se de uma pesquisa exploratória sobre o tema feminicídio e resulta na criação de um romance de gênero distópico. Fez-se uma revisão de literatura com o intuito de servir de base para o desenvolvimento do tema do projeto, porém para aprofundar-se na confecção dos materiais é necessário pensarmos em uma metodologia de execução do produto.

Para a parte de pesquisa sobre o tema foram levantados documentos indiretos (documentais e bibliográficos) com o intuito de entender as violências às quais as mulheres são submetidas. Este tipo de pesquisa documental “serve-se de fontes de dados coletados por outras pessoas, podendo-se constituir de material já elaborado ou não” (MARCONI; LAKATOS, 2012, p. 43). As pesquisas documentais advindas dos órgãos que as realizam são de extrema importância para este trabalho, já que servem de base para analisar o contexto social no momento em que este projeto de pesquisa está inserido.

Para a construção deste universo ficcional buscaram-se então notícias, dados e informações em veículos de comunicação nacional e redes sociais sobre números e casos de feminicídio no país. Priorizou-se conteúdos do ano de 2022 apresentados após busca na plataforma Google.

Notícias e documentos foram colhidos de canais de informações diferentes que retratam o problema em diversas facetas. Essas notícias sustentam os dados de feminicídio, de acordo com o site O Globo, só nos três primeiros meses de 2019, mais de 200 feminicídios foram apurados no Brasil (GLOBO, 2019)⁸. Isso significa afirmar que a cada dia, três mulheres são mortas no país pela simples razão de serem mulheres.

No ano de 2018 foi aferido pelas secretarias estaduais de segurança pública que 1.206 mulheres foram mortas por feminicídio e houveram 7.036 tentativas desse ato em todo território nacional (BHAZ, 2019)⁹. Por tanto é seguro constatar que este assunto é de interesse público e merece ser estudado.

Como inspiração inicial do nosso projeto lembramos que no dia 20 de março de 2019, na rede social *Twitter*, foram mais de 150 *tweets* por minuto com a *hashtag* #ParemDeNosMatar. Onde mulheres, em especial, destacava a quantidade de feminicídios no

⁸ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/mais-de-200-feminicidios-ocorreram-no-pais-em-2019-segundo-pesquisador-23505351>>. Acesso em 20/04/2022.

⁹ Disponível em: <<https://bhaz.com.br/2019/03/08/parem-de-nos-matar-dia-mulher/>>. Acesso em 01/10/2022.

país usando essa hashtag. Essa foi uma tentativa de busca por socorro e também um ato político que mulheres do Brasil inteiro expressaram por meio da rede social.

Este grito que as mulheres de toda nação soltaram, clamando por ajuda, trouxe reflexões a fim do que podia ser feito para conscientizar a população dos sofrimentos acometidos a elas.

Buscando refletir sobre isso, em casos midiaticizados, foram selecionadas cinco matérias de veículos de comunicação diferentes para a análise e para constituir o material de inspiração da criação de narrativa, são elas: “Relembre casos de feminicídio que chocaram o país nos últimos meses” do Portal R7, de que é possível concluir pela chamada que houve grandes casos deste crime hediondo no período de poucos meses.

Figura 3 - Relembre casos de feminicídio que chocaram o país nos últimos meses

Relembre casos de feminicídio que chocaram o país nos últimos meses

Cada vez mais os crimes contra as mulheres têm chamado a atenção pela violência. Em menos de uma semana, quatro ocorrências tiveram destaque

CIDADES

Gabriel Croquer, do R7*

30/09/2019 - 16h32

A-

A+



FONTE: Portal R7 (2022)

Outra matéria selecionada foi: “Mãe e filha são vítimas de tentativa de feminicídio em Ceilândia” do Correio Braziliense, nesta é possível analisar duas frentes, a de que feminicídio não só envolve crimes passionais e que muitas vezes a tentativa do ato que já é em si um problema para a sociedade.

Figura 4 - Mãe e filha são vítimas de tentativa de feminicídio em Ceilândia.

Seções
CORREIO BRAZILIENSE
Cidades

Mãe e filha são vítimas de tentativa de feminicídio em Ceilândia

O marido e padrasto das vítimas usou uma faca para atacá-las na casa onde moravam, na QNP 26. Ele foi preso em flagrante pelo crime

Sarah Peres

postado em 01/10/2019 14:23 / atualizado em 01/10/2019 14:24

Agressor de mãe e filha foi linchado por quem estava no local do crime
(Foto: Cristiano Gomes/CB/DA Press)

O Distrito Federal tem mais um caso de violência contra a mulher registrado. Desta vez, mãe e filha, de 45 e 19 anos, respectivamente, foram vítimas de tentativa de feminicídio, na casa onde moravam, na QNP 26, no Setor P Norte, em Ceilândia. O crime foi cometido pelo marido e padrasto das vítimas, que usou uma faca para atacá-las. Ele acabou preso em flagrante e encaminhado para a 15ª Delegacia de Polícia (Ceilândia Centro).

O suspeito do crime, um homem de 39 anos, deu ao menos sete facadas na companheira, de 45. A série de agressões só teve fim quando a filha da vítima interveio. Ela também foi golpeada. Ambas precisaram ser socorridas no Hospital Regional de Ceilândia (HRC), após vizinhos da família acionarem o socorro. O caso ocorreu por volta das 17h.

O acusado foi detido por moradores da região, que foi linchado. Quando os policiais militares

PRECISA MELHORAR A PERFORMANCE DA SUA EMPRESA?

SAIBA MAIS

A4D
MARKETING DIGITAL

MAIS LIDAS

- 18/02 - 02/10/2019 - Compartilhe
Crime da 113 Sul: Tribunal de Juri decide condenar Adriana Villela
- 18/02 - 02/10/2019 - Compartilhe
2/10 - Julgamento de Adriana Villela durou 10 dias
- 15/04 - 02/10/2019 - Compartilhe
Criminosos invadem estacionamento e assustam fêis em igreja do Lago Sul
- 12/08 - 02/10/2019 - Compartilhe
Advogado de Adriana Villela acusa MP de crime e bate boca com promotor
- 15/04 - 25/09/2019 - Compartilhe
Testemunha diz que Adriana Villela e xingava o pai durante execução

BLOGS

CB.Poder
Procurador escolhido por Bolsonaro recebeu apoios fundamentais para chegar ao TJDF

FONTE: Correio Braziliense (2022).

Também foi colhido para o projeto a notícia “Polícia crê em feminicídio ou vingança em morte de mulher ao comprar fralda” do Notícias UOL. Ao usar a palavra vingança o jornalista dá a entender que a culpa é da vítima, o que é frequentemente abordado nas conversas do dia a dia, reforçando ideias machistas.

Figura 5 - Polícia crê em feminicídio ou vingança em morte de mulher ao comprar fralda



FONTE: Notícias UOL (2022).

Podemos perceber que esta matéria foi colocada na seção cotidiano, o que dá a entender que já é algo estigmatizado na sociedade.

A matéria “Mariana Bazza, vítima de feminicídio, fotografou o homem que tirou sua vida” da página do *Instagram* Feminismo, mostra que as vítimas estão mais conscientes do que está acontecendo ao redor delas e se preparam para trazer justiça a elas e as outras.

Figura 6 - Mariana Bazza, vítima de feminicídio, fotografou o homem que tirou sua vida

Mariana Bazza, vítima de feminicídio, fotografou o homem que tirou sua vida



feminiismo "Feminicídio nosso de cada dia:

A mulher saiu da academia. O pneu do seu carro estava furado. [Será que foi armado? Pneu de um carro estacionado furado?] Um Homem desconhecido se oferece para ajudar. Ajudou? [O que será que ele vai querer em troca?] A mulher fotografa o rapaz e manda para o namorado. [Esperta. Nunca se deve confiar em ninguém!] Em troca o homem não quis nada. Ele apenas entendeu que ele já tinha tudo que queria: o objeto - a mulher. Matou-a. O corpo da mulher foi achado de bruços com as mãos amarradas para trás e um tecido no pescoço. Teve estupro? A polícia não diz. Matou por quê? A polícia nem se quer fala a palavra feminicídio. O homem tem passagens na polícia por estupro, roubo e extorsão. O que dá mais medo desses itens para uma mulher? O estupro, é claro. Eu sei que você sabe o que aconteceu, porque eu também sei. E é assim que mais uma entra na lista de mulheres mortas por homens em 2019. Em 2019 teve aumento de 47% de casos feminicidas só no primeiro semestre.

FONTE: Feminiismo (2022).

“A vítima de feminicídio que morreu com a medida protetiva no bolso” é a reportagem feita pelo *site* Metrôpoles que mostra como o Estado é fraco e ineficiente na resolução do problema público de saúde que é o feminicídio, deixando as mulheres desamparadas, como na narrativa deste projeto. Foi por meio desta matéria que foi-se conhecido o projeto Elas por Elas¹⁰.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.metrolopes.com/materias-especiais/elas-por-elas-os-casos-de-feminicidio-que-infelizmente-vamos-contar>>. Acesso em 02/10/2022.

Figura 7 - A vítima de feminicídio que morreu com a medida protetiva no bolso



FONTE: Metrôpoles (2022).

Desta forma, imaginou-se um cenário extremamente pessimista trazido neste projeto como uma distopia. Das matérias apresentadas, trouxe algumas inspirações para meu romance, como comportamentos misóginos, perfil das vítimas e situações de defesa.

5. UMA CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A DISTOPIA

Ambos, utopia e distopia, são uma realidade aumentada e levada ao extremo que servem como uma espécie de alerta, porque refletem as angústias e incômodos de toda uma sociedade. Foram usados há mais de 500 anos na literatura e na primeira metade do século XXI, as distopias tiveram um *boom* de vendas, fazendo um sucesso que não se via há mais de décadas:

a ficção distópica é mais popular do que há mais de 50 anos. Seja resultado de turbulências políticas, crises financeiras globais ou outras ansiedades, os leitores estão desejando livros sobre governos impiedosos e mundos aterrorizantes. A nova geração de romances distópicos combinam temas distópicos clássicos de governos cruéis e mundos violentos e restritivos com algumas novas reviravoltas - fortes heroínas e romance. (GOODREADERS, 2012, tradução livre.)

Rodrigues (2015), Andrade e Reis (2017) e Barbosa (2017), esclarecem que a distopia é um reflexo exagerado do mundo atual, são advertências da sociedade e contexto histórico em que o(a) autor(a) está inserido(a). Por isso, as narrativas distópicas estão intrinsecamente ligadas ao contexto, época e acontecimentos da sociedade de quem as escreve. “Assim, através do exagero e da projeção para o futuro, a distopia mostraria o que poderia acontecer se as circunstâncias presentes não fossem corrigidas.” (RODRIGUES, 2015, p. 32).

Dessa forma,

os textos de distopia são sátiras políticas baseadas nas projeções e medos que os escritores mantêm em relação à própria sociedade. Nessas narrativas há uma intenção latente de avisar aos contemporâneos que, no futuro, um sistema como o de seus livros pode vir a surgir em decorrência do contexto atual (BARBOSA, 2017, p. 30).

Por isso, Barbosa (2017) esclarece que limitar e encaixotar esses termos é uma atividade cansativa e sem razão, já que elas se entrelaçam com o passar do tempo e do contexto das sociedades. Por sofrerem mudanças, já que acompanham os regimes vigentes, são processos mutáveis.

No entanto, para os autores há características exclusivas e importantes de uma distopia que valem ser ressaltadas. Uma delas é o controle do Estado sobre os indivíduos que é visto como uma massa generalizada. Esse controle, na maioria das vezes, é mantido pela vigilância de quem está no poder. Essa vigilância culmina nas repressões e punições de quem se manifesta contra. Tudo isso elimina a liberdade e individualidade dos indivíduos.

Rodrigues (2015), Andrade e Reis (2017) e Barbosa (2017) afirmam: as distrações que anestesiam a massa é uma outra característica das distopias, isso faz com que os indivíduos sejam impedidos de pensar por si mesmos e sigam uma mesma linha de ideias que convém para

o Estado. Outra marca desse gênero é a divisão das pessoas em grupos, que facilita os mecanismos de manipulação e permite que as revoltas sejam contidas de imediato

Uma das distopias literárias que conquistaram um maior número de leitores nessa primeira metade do século XXI é a trilogia *Jogos Vorazes*, da autora norte-americana Suzanne Collins. O primeiro volume da trilogia, *Jogos Vorazes* foi publicado em 2008 nos Estados Unidos, na sequência os livros *Em Chamas* em 2009, e *A Esperança* em 2010.

Essa trilogia é o exemplo elucidado de literatura distópica para jovens-adultos neste projeto, pois “Jogos Vorazes traz marcas características das distopias: um cenário caótico, um ditador sanguinário, um sistema político repressor, uma comunidade dominada e traumatizada pelas mazelas da vida, além da tecnologia como peça fundamental de opressão e controle da população” (BARBOSA, 2017, p. 16).

Um fato interessante é que originalmente esses livros foram publicados para o público adolescente, nos Estados Unidos chamados de *Young Adults* (jovens adultos, em tradução livre), na faixa etária de 12 a 20 anos. Foram vendidas mais de 36 milhões de cópias em 2012 nos Estados Unidos e mais de 200 mil no Brasil¹¹.

No Brasil o termo *Young Adult* está, ainda, se consolidando no Brasil, ou seja, não existe um consenso de classificação dos livros que são destinados a um público que está transitando entre a adolescência e a vida adulta. O mais popular e que se assemelha de forma próxima é a nomenclatura juvenil (13 a 18 anos), no entanto não é fidedigna à estadunidense.

Blockeel (2001/2002), explica que essa literatura ainda é vista como inferior. Cruvinel (2009), discorre que rotular a literatura como *Young adult* ou juvenil é desnecessário e impõe uma exclusão já que a boa literatura juvenil pode ser lida por um adulto. No entanto, a autora também esclarece que existem algumas diferenças temáticas e visuais, como o projeto gráfico, entre as literaturas juvenis e adultas. Uma das diferenças relacionadas ao conteúdo que ela expõe é quanto a uma pedagogia invisível, já que o público-alvo dessas narrativas em questão são leitores e pessoas em formação.

Desse modo, os autores “buscam formar o leitor para, [...], ser capaz de resolver seus conflitos íntimos e de refletir sobre a realidade social” (CRUVINEL, 2009, p. 21), por meio dos

¹¹ "Dystopian fiction is more popular than it has been in more than 50 years. Whether it's the result of political turmoil, global financial crises, or other anxieties, readers are craving books about ruthless governments and terrifying worlds. The new breed of dystopian novels combines classic dystopian themes of cruel governments and violent, restrictive worlds with a few new twists—badass heroines and romance." Disponível em: <<https://www.goodreads.com/blog/show/351-the-dystopian-timeline-to-the-hunger-games-infographic>>. Acesso em: 20/04/2022.

personagens que enfrentam um amadurecimento a fim de acrescentar experiências e temáticas que visam alcançar uma identidade. Tudo isso é pensado através de simbolismos.

Farias (2017), concorda e explica que as chamadas distopias juvenis possuem essa característica de se atentar a instigar os jovens a uma reflexão. Para a autora, isso é importante pois o adolescente está passando pela fase de transição de criança para o adulto, em que uma nova realidade é descoberta. É responsabilidade de jovem, aprender a decidir-se por si próprio e arcar com os seus atos. No entanto, o social coloca obstáculos em muitas das situações que esse indivíduo enfrenta.

A autora afirmar que é nesse contexto que a distopia entra para esse público, como um reflexo metafórico dessas vivências.

Os jovens lidam com a distopia todos os dias: em suas vidas, em suas famílias disfuncionais, em suas escolas cheias de violência. Eles assistem a uma televisão distópica e a filmes sobre o mundo real onde armas trazem soluções explosivas para conflitos (FARIAS, 2017, p. 97).

É por isso que Cruvinel (2009), afirma que os autores dessas obras buscam trazer à superfície, memórias e situações vivenciadas na época de sua adolescência, com uma narrativa “não adulta”, ou seja, a forma de escrever modifica.

Essa discussão é importante porque o foco principal do romance é conversar com esse público, tentando instigá-lo a pensar no feminicídio e violência contra a mulher de uma forma que capte sua atenção e faça sentido para o momento de amadurecimento que eles estão passando. De maneira geral, para fins didáticos, o leitor-alvo do romance é aqueles que se caracterizam pela passagem da infância para a vida adulta, quando se descobrem e se enfrentam as primeiras relações com os relacionamentos, sexo e gênero.

Ressalto, ainda, *O Conto da Aia* de Margaret Atwood (2015), aquele que estabelece uma relação mais direta com o meu romance. O livro foi traduzido em mais de 35 línguas e, posteriormente, teve sua adaptação como série, filme e ópera. Escrito durante a segunda onda do feminismo, essa obra se tornou símbolo da literatura feminista, pois levanta questões pertinentes relacionadas a essa luta.

Narrado por Offred, uma aia, o romance é enredado na república fictícia de Gilead (onde antes era conhecido como Estado Unidos), um Estado totalitário e teocrático que, após ataques ao governo norte-americano, é dominado e dirigido por fundamentalistas cristãos. Nessa sociedade, que passou por doenças perigosas, desastres biológicos e radiação, algumas das mulheres se tornaram estéreis.

Dessa forma, preocupados com a baixa taxa de natalidade, o governo as separou em diferentes categorias sociais: as Tias, as Esposas, as Marthas, as Econoesposas, as Aias e as Não-Mulheres, seguindo a classificação hierárquica. As Aias tinham a função específica relacionada à reprodução (LIMA, 2017). Elas eram retiradas de suas famílias, perdiam seus nomes e identidades. Entregues aos Comandantes, oficiais do governo, elas são consideradas propriedades deles.

Essas características específicas das Aias são tão reiteradas no romance de Atwood (2017) que não conhecemos o nome verdadeiro da personagem principal. As mulheres dessa classe social acabavam sendo chamadas pela junção do pronome possessivo *of* (que do inglês, em tradução direta, significa “de/do”) ao nome do Comandante. Dessa forma Offred é equivalente a “*of Fred*” (do Fred).

“A divisão social estabelecida em Gilead, sistematicamente favorecendo o homem em detrimento da mulher, não só é consequência do patriarcado, como didaticamente o exemplifica” (LIMA, 2017, p. 19). Em *O Conto da Aia*, as mulheres não são reconhecidas como tal, são seres invisíveis, apenas vistas como atividades domésticas, privadas de qualquer tipo de independência.

A Aia ainda tem um dever a mais: fornecer filhos ao Comandante. “Somos úteros de duas pernas, apenas isso [...]” (ATWOOD, 2017, p 165). Dessa forma, essa classe de mulheres acaba exercendo a função de objeto, posse de um homem.

Sendo assim, a estrutura patriarcal de Gilead é sustentada tanto pelos homens quanto também pelas mulheres, já que a divisão delas em categorias hierárquicas aumentou o sentimento de rivalidade e inveja, às vezes representado no romance por uma sensação de imponência geral.

As Aias, por terem papel fundamental na reprodução, possuem algumas rotinas obrigatórias. Desde o início do romance é visível a vontade da personagem principal sobreviver ao que lhe é submetido, por isso, ela é bastante passiva quanto ao regime totalitário. No entanto, é bem claro para o leitor que Offred acaba subvertendo certos comportamentos.

Começamos a perceber essas insubordinações em lances ínfimos, muitas vezes passados despercebidos, como quando ela guarda manteiga dentro dos sapatos e, até mesmo, os pequenos flashes de memória de uma vida passada. No entanto, à medida que o romance avança e as lembranças dela também, observamos o desenvolvimento da personagem, cada vez mais confortável com a situação.

O Conto da Aia é uma distopia e, como tal, apresenta uma possibilidade de sociedade futura, ao mesmo tempo que nos faz analisar e refletir sobre a presente. “A obra propicia uma

discussão sobre o avanço do totalitarismo e seus reflexos no que tange à situação da mulher atual" (MOLARI, 2019, p. 180).

Temas como a retirada de direitos civis das mulheres, fanatismo religioso e imposição de um regime totalitário baseado em preceitos patriarcais permeiam a obra de Atwood (2017). Dessa forma, podemos afirmar que, apesar de ter sido escrito no século passado, *O Conto da Aia* ainda é um romance bastante atual e com premissas discutidas na sociedade contemporânea.

Como já ressaltéi acima, esse romance tem uma ligação direta com o meu e, ao longo deste relato, será possível perceber os entrelaçamentos dos temas abordados.

6. A PRÁTICA

Como metodologia para o romance, foram usadas as ideias de Luiz Antonio de Assis Brasil (2019). O autor por meio de um manual de criação literária explica como escrever uma obra de ficção, abordando enredo, conflito, focalização, entre outras técnicas. Outra questão muito importante para este material é a consistência da personagem principal que veremos ao longo do projeto.

Escrevi a primeira versão o livro *Os Grito dos Sussurros* em 2019, para meu trabalho final de graduação em Comunicação e Multimeios pela Universidade Estadual de Maringá. No entanto, esse primeiro trabalho seria apenas um rascunho da obra, pois, não satisfeita com o resultado final, trouxe o romance para o mestrado, para que, assim, pudesse trabalhar melhor nessa história que tanto acredito. Inicialmente, idealizei escrever 15 capítulos de 10 páginas cada. Essa configuração estaria dividida em: início, conflito e desfecho. No entanto, conforme a prática foi acontecendo, a configuração do romance ficou com 14 capítulos com uma média de 9 páginas cada.

A partir disso comecei a estruturar a narrativa que perpassa todo o projeto me baseando no livro de Luiz Antonio de Assis Brasil (2019). Depois disso, iniciei a escrita do livro distópico. Em um primeiro momento encontrei muitas dificuldades em transformar a história imaginada em palavras. A minha escrita não estava satisfatória e eu prossegui porque isso é uma etapa do trabalho bastante comum a todos os autores. Foi assim até atingir o meio do livro. Depois disso, acredito que me acostumei a escrever e a história começou a fluir melhor.

Me policieei a escrever todos os dias, pelo menos um parágrafo da narrativa. Os finais de semana eram os momentos em que eu conseguia me dedicar totalmente a trabalhar no livro, o que resultava em ter prontos 2 capítulos. Demorei cerca de 3 meses para escrever a primeira versão do livro.

Já na segunda, trabalhada no mestrado, outras referências foram utilizadas para dar mais corpo à narrativa, como Foucault, Roland Barthes, Paul Preciado, Wolfgang Iser, José Luiz Fiorin, entre tantos outros, bem como oficinas de escrita literária.

Barthes (1973) afirma que não é possível ler todos os textos da mesma maneira, cada narrativa dita seu próprio ritmo de leitura e assim espera-se atingir um prazer textual. O autor explica que esse júbilo não é necessariamente atingido apenas em textos de autores renomados e escritas impecáveis. Ele vai além disso, o prazer para Barthes (1973) não é fixo, ou seja, nada garante que o texto agrada uma segunda vez.

O prazer não é componente da narrativa, ele é eufórico, “aquele que vem de uma cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável de leitura”. (BARTHES, 1973, p. 20). O literato não faz sua obra sem se inspirar em constatações do seu real e do social. Ele é cercado por acontecimentos e estes são a chave para seu texto, seja ele ficcional ou não. Dessa forma as obras não possuem um significado fixo, cabe ao contexto e ao leitor identificar os sentidos dos textos, porque para Barthes (1973), as frases são muito culturais.

Trago o Wolfgang Iser para pensar as relações de interpretação entre escritor e leitor já que o autor tece uma crítica categórica sobre esse leitor ideal. Para o estudioso, o leitor deve ter os mesmos códigos e as mesmas intenções do autor. Além disso, ele precisa fazer a leitura retirando todo o potencial de sentido do texto e esgotá-lo por completo. No entanto, Iser (2001) também vai abordar a ideia dos vazios nas narrativas. O autor explica que o texto é um sistema de combinações e nesse esquema deve haver um lugar para que o leitor realize tais combinações. De certa forma, o vazio atua como um comunicador e integrador da interação do texto com o leitor.

Iser (2001) afirma que, por causa das intertextualidades, às vezes o mesmo texto é interpretado de maneira diferente. O literato não faz sua obra sem se inspirar em constatações do seu real e do social. Ele é cercado por acontecimentos e estes são a chave para seu texto, seja ele ficcional ou não. Dessa forma as obras não possuem um significado fixo, cabe ao contexto e ao leitor identificar os sentidos dos textos, porque para as frases são muito culturais.

Sendo assim, podemos considerar que nenhum texto possui uma única leitura, mesmo que sejam os mesmos ou leitores diferentes, em qualquer um dos momentos de leitura. O homem é o produtor de significações e elas ocorrem, necessariamente, na contextualização discursiva. "Dessa forma, podemos afirmar que todo texto é a absorção e transformação de um outro texto" (FIORIN, 2005, p. 163). Por isso, o leitor pode, a partir de sua competência textual de leitura, dinamizar os diferentes sentidos que um texto comporta.

Já as contribuições de Foucault se devem às teorias em relação ao corpo, pois é característica das distopias as coerções e controle sobre os corpos dóceis. Para Foucault (1987), o objeto corpo é alvo de poder, em que se é possível dominar e influenciar, já que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1987, p. 163). Isso, o autor irá chamar de disciplinas.

Esses mecanismos individualizam os corpos com a finalidade de vigiá-los e hierarquizá-los.

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor (FOUCAULT, 1987, p. 195).

E esse adestramento se deve as punições corretivas, funcionando como um sistema de “gratificação-sanção” (FOUCAULT, 1987, p. 205), que pode ser observado na narrativa produzida.

6.1 O ENREDO

O enredo é a etapa do processo da construção da narrativa onde deve-se estabelecer uma relação de causa e efeito com as situações vividas pelo personagem. Ele precisa ser forte o bastante para que seja possível largá-lo no mundo ficcional, já que é ele que gera a história.

Alguns artifícios para ajudar a estruturar o enredo é começar pela facção da sinopse¹², logo após, é estendido para resumo¹³ em que questões como “quando” e “onde” aparecem. A linha do tempo¹⁴ é outro ponto chave para começar a fazer um enredo consistente. É nesta parte em que se coloca o personagem em situações e analisa-se a força dele para lidar com elas. Caso faltem lacunas a serem preenchidas na questão existencial do personagem.

É necessário também, para Brasil (2019), determinar o tempo e o espaço em que a narrativa ocorre logo no começo, bem como a focalização da história. Para se conectar com o leitor, é necessário explorar todos os sentidos dele por meio das palavras, ou seja, é preciso ter o domínio do material narrativo.

Isso pode ser visto no livro que se denominou *Grito dos Sussurros*.

6.2 OS CENÁRIOS

Também faz parte de uma narrativa pensar nos cenários. Esse artifício precisa ser centrado no leitor, para que haja compreensão do público-alvo a tal ponto que eles se visualizam consumindo o produto. Isso indica como eles entrarão no meio da narrativa e assim é possível mapear sua jornada entre as mídias.

Neste projeto foram estruturados dois cenários principais: o Esconderijo e a superfície. O primeiro é um lugar subterrâneo dividido em quatro níveis: no primeiro ficam as Protetoras, responsáveis pela segurança e a plataforma de saída do lugar. O segundo as Curandeiras,

¹² Pode ser vista na página 42

¹³ Pode ser vista na página 42

¹⁴ Pode ser vista na página 49

Cozinheiras, Cuidadoras, Professoras, Jardineiras e todas aquelas responsáveis pelo sistema de serviços gerais da vida social no Esconderijo. No terceiro nível localizam-se a Anciã, Nísia e as Comandantes, encarregadas pela organização geral do Esconderijo. O quarto subsolo fica com os geradores e a dispensa de materiais pouco utilizados e quebrados.

O ambiente é mal iluminado, com luzes artificiais todas as horas do dia que são mantidas pelos geradores movidos a energia solar. A água vem de um poço. As paredes são desniveladas e com caroços, o chão cheio de buracos e precário. Há alguns lugares com amplo espaço como o refeitório e as áreas de trabalho, porém a maioria do espaço é dividido em compartimentos pequenos onde cada uma das integrantes vão para dormir. As camas e os móveis são improvisados.

A comida é escassa, apenas o suficiente para as pessoas sobreviverem, por isso, as mulheres do Esconderijo desenvolveram um profundo conhecimento sobre nutrição. Há sempre um cheiro e sensação úmidas devido a má circulação do ar. Não existem janelas ou qualquer outra forma de ver a superfície, a não ser a pequena cratera no primeiro subsolo (que é camuflada pelos escombros ao redor).

O Esconderijo, foi pensado como um espaço com um corredor sustentado por abóbadas, já que a arquitetura afirma que essa estrutura aguenta um peso maior, ou seja, ideal para uma construção de baixo da terra que precisa sustentar uma grande quantidade desse material. Imaginei que teriam muitas pedras e o lugar fosse carente de reformas, há, inclusive, um trecho da história em que a personagem principal afirma que as paredes do Esconderijo são cheias de caroços.

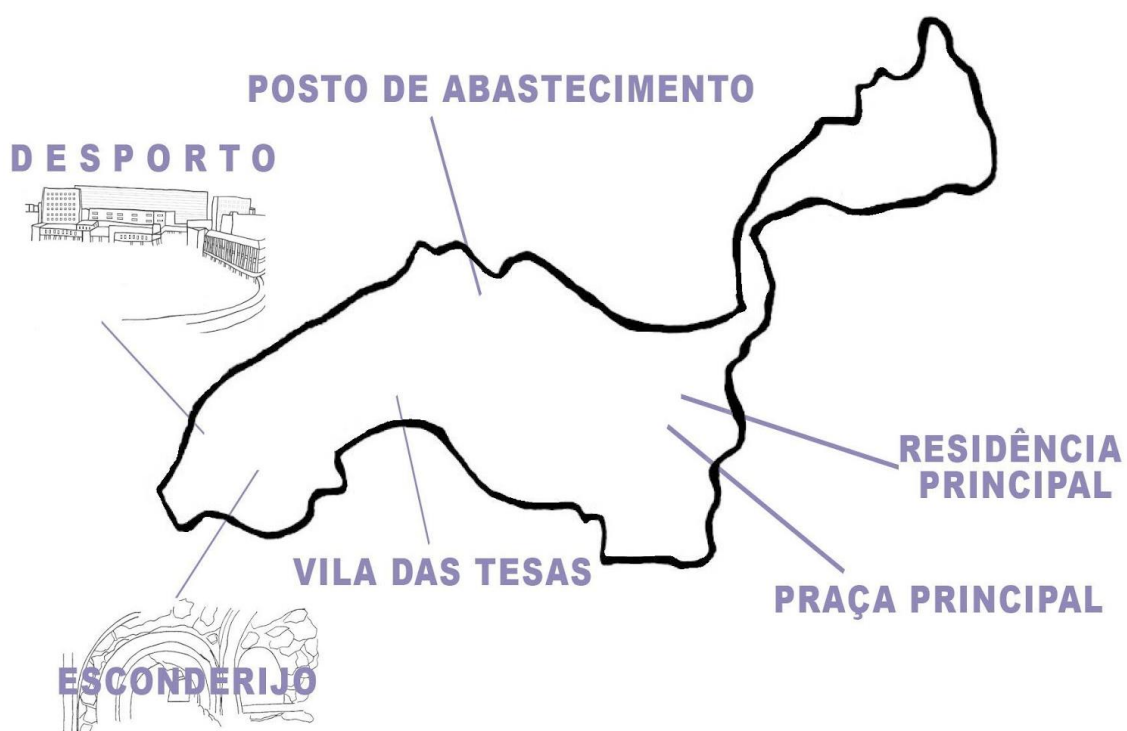
Desenho 8 –Corredor interno do Esconderijo



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O mapa de Najee tem como base a parte norte da América Latina, região em que se passa a história com uma diferença de 200 anos do presente (2022). O continente é cercado de mar no sentido leste e oeste, já o norte e sul faz fronteira com outros países, no entanto, é inexplorado na narrativa e não tem influência direta no romance. Os lugares foram dispostos conforme foram apresentados na narrativa.

Desenho 9 – Mapa de Najee



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As quatro partes desse lugar são destacadas na narrativa são: a Residência Principal que é o maior prédio de Najee, dentro encontram-se muitos corredores intensamente brancos e extremamente limpos. As salas são todas diferentes, é ali que residem os principais homens da região. Além disso, possui no subsolo uma espécie de câmara de tortura em que as mulheres que desrespeitam a lei são levadas e punidas ali.

A praça que é um ambiente arredondado, palco do segundo dia do Ritual. É grande mas não o suficiente para acomodar todas as pessoas de Najee. Possui duas ruas principais saindo dela, uma se encaminha para a Residência Principal e outra para o restante da região. As outras

partes da praça são compostas por postos de abastecimento, diversão e outras comodidades para os cidadãos.

Os escombros que são rastros do que era o antigo mundo antes da Grande Quebra. São compostos por prédios e casas semidestruídos na parte mais longínqua da região. Existem alguns pequenos aglomerados de vegetação espalhados por entre as construções. Fica perto da entrada do Esconderijo. Outro cenário é a vila das Tensas, essas construções são baixas e pequenas de espaço, parecem com casulos um do lado do outro. Todos são iguais e têm a mesma cor marrom que as vestes de quem mora ali.

6.3 ESTRUTURAÇÃO DA NARRATIVA

A estruturação da narrativa foi pensada de forma a seguir o passo a passo proposto por Brasil (2019), por isso, dividiu-se em alguns elementos principais que foram essenciais para ter uma delimitação geral da obra. Todas as etapas estão descritas abaixo.

6.3.1 Pontos-chave do romance

- Mulheres saem de um lugar de subjugamento e se confrontam com os homens
- Nações se dividem apoiando lados diferentes (mulheres - Lennox) (homens - Priamos)
- Uma guerra se instaura em todo o mundo
- Priamos vencem
- Nova reconfiguração do mundo
- Cria-se o Ritual
- Cria-se o Esconderijo
- Brinna é classificada como Digna e é dada para o Presidente Malo Malbona
- Brinna descobre sobre o Esconderijo e foge
- Brinna torna-se anciã

- Nísia nasce
- Nísia é deixada na entrada do Esconderijo e é salva por Brinna
- Nísia cresce no Esconderijo
- Nísia começa a questionar o lugar dela
- Nísia duvida de si mesma
- Nísia questiona o sistema da sociedade dos homens
- Nísia quer ir para a superfície agora que já está mais velha
- Brinna pondera
- As meninas que protegem o Esconderijo observam e percebem que há uma desconfiança por parte dos guardas de Malbona em relação ao Esconderijo e que eles ficam rondando os limites do lugar,- dessa forma as coletoras não conseguem ir atrás de suplementos por meses.
- Finalmente há uma brecha para a saída segura dessas meninas e elas precisam correr
- Brinna autoriza Nísia a ir para a superfície, mas a acompanha apesar de ser uma tarefa rotineira e que não precisaria de uma Anciã.
- Elas saem e encontram uma mulher machucada na superfície perto do posto de abastecimento
- Brinna vai ajudar a mulher
- Brinna vai até a mulher para ajudá-la e acaba caindo em uma emboscada
- Brinna é instantaneamente morta
- Nísia vê tudo e sente que seu mundo acabou
- As meninas voltam para o Esconderijo
- Elas ponderam o que deve ser feito agora

- Enquanto algumas meninas querem que Nísia assuma o comando, outras não querem
- Nísia se esquia de tudo por alguns dias, ponderando o que deve ser feito
- Decide que não vai deixar a morte de Brinna em vão e resolve interferir na sociedade dos homens
- Nísia tem que lidar com as outras mulheres questionando o lugar dela no Esconderijo
- Conta com a ajuda da melhor amiga e algumas mulheres que estavam a frente do Esconderijo junto com Brinna e que sabiam do plano de Brinna para deixar a liderança do Esconderijo para Nísia
- Um conselho com essas mulheres é formado para planejar a ajuda dessas mulheres que estão na Caçada
- Nísia sabe que o dia do Ritual está chegando e como é impulsiva não quer esperar o conselho decidir os próximos passos
- Sozinha vai até os guardas de Malbona e se entrega
- Questionando o que deve fazer com Nísia, Malbona acredita que é melhor colocá-la junto com as outras meninas para o Ritual
- Nísia é preparada para o Ritual
- No dia do Ritual ela se encontra com o conselho e explica que não podia ficar parada, fala que seu plano é lutar com os homens e proteger as mulheres, assim que eles cansarem ou desistirem, ao soar o sino sinalizando o final da Caçada, elas se encontrariam e levariam as mulheres para o esconderijo
- Não há tempo para discussões, um dos guarda vê Nísia e interrompe o encontro
- Nísia discute com o conselho e vai para a Escória
- Nísia não pode contar seu plano para as mulheres da Escória pois essas mulheres acreditam nesse sistema e recusariam a ajuda

- Nísia não pode contar pois o governo vigia todas as horas o cativoiro
- Nísia parte em direção a caçada
- Nísia chega no lugar da caçada
- Começa a caçada e Nísia encontra dificuldade em ajudar as mulheres já que elas não aceitam ajuda
- Nísia começa a lutar com os homens e eles se surpreendem
- Os homens ficam intrigados e acham divertido, fazem como objetivo matar Nísia
- Nísia encontra Will e percebe que ele também está tentando ajudar as mulheres
- Nísia fica confusa e o intimida buscando respostas
- Nísia fica gravemente ferida e não consegue mais lutar, ela se esconde
- Ele a encontra e a ajuda.
- Eles se aproximam
- Nísia percebe que sozinha, só com a ajuda de Will não consegue
- Manda um sinal para as outras mulheres
- As outras chegam
- Com ajuda de Will ela consegue ajudar as mulheres
- As outras se juntam
- Os guardas de Malbona interferem
- Começa uma guerra
- Tudo vai está um caos e falta apenas uma Escória para ser encontrada
- Nísia vê a última mulher e volta para salvá-la

- É encontrada e rendida pelos guardas
- Vai para a prisão
- Entende seu lugar no mundo
- Entende de onde veio
- Mostra seu valor
- Nísia morre

6.3. 2 Questão existencial da personagem principal

A personagem principal não pode ser um boneco que transportamos de um capítulo a outro para viver peripécias da nossa história” (BRASIL, 2019, p. 39), eles precisam ser reais. Brasil (2019) afirma que para uma narrativa bem-sucedida, o personagem tem que viver antes e depois da mesma. E para isso, é imprescindível que este personagem possua uma questão existencial que perpassa por todo o conflito da história. Neste caso a questão existencial da personagem dita as características da mesma.

As da Nísia são:

- Não sabe sua origem
- Criada como uma filha
- Ninguém entende isso ou a necessidade de saber sua origem
- Julgada por ter uma vida fácil, protegida desde criança
- Necessidade de mostrar seu valor
- Sentimento de culpa
- Sentimento de dúvida dela mesma

6. 3. 3 Motivações da personagem principal

A personagem principal precisa de motivações nessa história para que tenha objetivos que, juntos, irão girar em torno de uma experiência psicológica e uma progressão dramática para que haja um aumento da tensão que culmina no ponto máximo da narrativa: o conflito.

As de Nísia são:

- NO COMEÇO

- Sentimento de culpa e dúvida
- Não saber quem é

- DEPOIS

- Morte da Brinna

6. 3. 4 Objetivos da personagem principal

Todo personagem precisa ter um objetivo na história, em especial a principal, e isso precisa estar interligado com a questão existência, já que, todo objetivo tem uma motivação. Esse aspecto é importante porque fará com que o personagem queira algo na narrativa e realize ações para alcançar. Os de Nísia são:

- NO COMEÇO

- Se conhecer
- Descobrir de onde veio
- Responder questões

- Se provar

- DEPOIS (TRANSFORMAÇÃO DO PERSONAGEM)

- Mostrar seu valor
- Fazer com que a morte não seja em vão
- Que não aconteça mais isso com ninguém
- Mudar a realidade

6.3.5 Transformação da personagem principal

Os objetivos e motivações fazem com que ocorra uma transformação do personagem podendo ser tanto positiva como negativa, o que importa aqui é que ele tenha a possibilidade de escolha.

Na narrativa *As filhas da escuridão* a transformação do personagem a Nísia sai de um lugar condescendente e desperta questões que estavam a muito tempo adormecidas. Ela descobre forças que não sabia que tinha.

6.3.6 Sinopse da história do livro

Brasil (2019) afirma que a sinopse é essencial para as etapas essenciais do romance, já que é a primeira estruturação que ajuda o escritor a entender melhor da história. Para *As filhas da escuridão* a sinopse criada foi: Nísia, uma jovem que nunca conheceu o Mundo, se vê frente a um impasse: lutar para mudar a realidade em que vive, onde mulheres são assassinadas todo os anos, ou seguir com sua vida segura no esconderijo. Após a morte da Anciã Brinna, Nísia descobre forças que desconhecia e se aventura a salvar as Escórias, o preço disso é sua vida.

6.3.7 Resumo da história do livro

Já o resumo é uma expansão da sinopse e apresenta eventos melhores desenvolvidos. Algumas composições necessárias no resumo, de acordo com Brasil (2019), são: onde e quando a narrativa são desenvolvidas, uma simples linha de tempo e personagens. O do As filhas da escuridão é:

Duzentos anos depois da Grande Quebra, em uma região que era conhecida como América Latina, Malo Malbona um tirano autoritário controla Najee, uma macroregião formada por sobreviventes. Agora, o mundo é totalmente dos homens, as mulheres são castradas e sua única serventia é obedecer as ordens deles.

Antes dessa nova ordem, o mundo era dividido em seis continentes e mais de 190 países. As mulheres, seres guerreiras que lutavam para a igualdade de direito entre os sexos, eram a maioria. Mas, apesar disso, eram desvalorizadas por eles. Cansadas de serem desrespeitadas, mutiladas, violentadas e mortas, elas começaram a se juntar e ganharam força construindo uma nova configuração de sociedade, onde a voz delas importava.

Isso enfureceu os grandes autoritários, detentores dos poderes, que se viam perdendo força. Países se dividiram, nação contra nação, apoiando lados diferentes. Algumas defendiam a reivindicação delas e outras totalmente resistentes as causas delas, esse embate levou anos até que o ápice ocorreu e uma guerra se instaurou no mundo todo. Devido ao grande poderio armamentista, a população mundial foi quase dizimada. As mulheres foram as que mais sofreram.

Saíram vitoriosos aqueles que não queriam poder nas mãos delas. Dessa forma, ainda mais potentes que antes, os grandes autoritários reconfiguram o mundo em que as mulheres só serviriam como diversão. Chamaram esse episódio de A Grande Quebra e decidiram que as gerações futuras seriam proibidas de discutir esse assunto até que ele caísse em completo esquecimento.

De seis continentes e mais de 190 países, sobraram apenas 4 macroregiões. Najee é uma delas. As poucas e feridas mulheres que restaram receberam como punição a castração, o que fez com que a taxa de natalidade ficasse seriamente baixa. Isso obrigou os vencedores a procurarem outra saída para criação de embriões. Dessa forma eles solucionaram o problema criando máquinas para gerar crianças, as Incubadoras.

Esses aparelhos possuem um gene biológico para as meninas e outro para os meninos. O delas as induzem a serem submissas e invisíveis, tirando toda a violência e habilidade de questionamento. O deles são genes de agressão, competitividade, astúcia e liderança. Em Najee, as Incubadoras são operadas e monitoradas pelos Guardiões, esses homens são responsáveis por calcular quantas pessoas morreram em Najee e quantas precisam ser repostas para que haja um equilíbrio na região, bem como precisam se atentar a qualquer eventual mudança nos genes dos bebês.

Depois de nascidas, as crianças são levadas para o Centro de Acompanhamento, onde são separadas em meninos e meninas, eles são chamados de Iniciantes. O tipo de treinamento e criação desses dois grupos são diferentes. Enquanto elas aprendem a satisfazerem os desejos deles, a serem subjugadas, a não resistir de qualquer forma e de valorizar a figura masculina; eles aprendem técnicas de combate, aulas de história, matemática, liderança e a ver as mulheres como seres inferiores e serventes.

Esse acompanhamento acontece até os 18 anos, quando todos Iniciantes são obrigados a participar do maior e mais esperado evento de Najee, o Ritual. Todos os cidadãos da região são intimados a comparecer na praça principal para prestigiar os três dias de festividade em que os Iniciantes são inseridos na sociedade e no caso das mulheres, classificadas. No primeiro dia acontece a Preparação.

Os participantes são preparados neste dia. As meninas recebem tratamentos para as embelezar e deixá-las mais atraentes para os homens. Já eles vão para aulas de lutas especiais e aprendem a matar, para que no terceiro dia estejam aptos. No segundo dia acontece a cerimônia de categorização chamada de Destino, momento mais aguardado pelas meninas, já que é onde elas descobrem que futuro terão.

A praça principal é preparada com um grande palco e arquibancadas. É na bancada composta pelos principais homens da cidade que as meninas aguardam seu destino, já que são eles que as classificam com Dignas (as mais bonitas que são destinadas a um homem), Tetas (mulheres mais robustas e fortes que se transformam em mão de obra) e as Escórias (que não possuem serventia, a não ser para diversão dos homens).

Neste dia os homens observavam as mulheres receberem seu destino. Logo após o Destino delas, eles são chamados para que sejam designados a eles uma companheira. É dele a

mulher para fazer o que quiser e de sua responsabilidade para nomeá-la. O sobrenome dela é automaticamente o dele, para que todos saibam a quem ela pertence.

Depois desta cerimônia as Tesas são conduzidas para o serviço no qual são necessárias e as Escórias encaminhadas ao cativeiro para depois serem levadas ao lugar da caçada no terceiro dia. O último dia do Ritual é chamado de Desporto. Este dia acontece em algum lugar da cidade que é reservado para a caçada. Toda a região se une para assistir a este dia. É o mais festejado.

As Escórias são instruídas a não lutarem de volta ou fugirem, elas só podem se esconder. Quando o sinal toca, os homens Iniciantes começam a caçá-las por esporte até que todas estejam mortas ou eles cansados. Os cidadãos de Najee não podem interferir nas mortes sob pena de tortura e morte.

Há aquelas que ficam gravemente feridas ou que se escondem tão bem que não são achadas por ninguém. Quando o sinal toca, sinalizando o final do dia e do Ritual, elas estão livres, no entanto são deixadas sem assistência nenhuma para morrer. Em Najee, há uma constante vigilância por parte de Malo Malbona. Seus guardas estão espalhados por todos os cantos da região monitorando quaisquer ameaças, onde eles não estão, há câmeras que fazem com que os cidadãos se mantenham obedientes às regras.

Nas sombras se escondem um grupo de resistência. Mulheres marcadas por cicatrizes, que de alguma maneira conseguiram escapar da crueldade da sociedade dos homens. Uma antiga base subterrânea usada pelo exército na Grande Quebra foi achada por uma Escória e transformada no Esconderijo, um lugar seguro para as mulheres se recuperarem e viverem.

Com o passar dos anos foi sendo construída mais instalações debaixo da superfície da terra e mais mulheres foram sendo abrigadas. Entre elas, Brinna, ao contrário de muitas companheiras do Esconderijo, é uma Digna e uma das mais importantes já que seu homem era Malo Malbona. Brinna escutou boatos na casa de Malbona sobre esse lugar onde as Escórias estavam vivendo e planejou um plano para fugir e se juntar a elas. O plano funcionou e Brinna depois de muito procurar, encontrou o Esconderijo e recebeu auxílio. Ela aos poucos foi conquistando seu espaço e se transformou em Anciã, que é responsável por gerir e dar ordens para melhor a convivência no lugar.

Nas buscas exploratórias pela região, as Protetoras encontraram vários livros que antecederam a Grande Quebra e assim foi formada uma biblioteca no Esconderijo, única no mundo. Brinna dedicou sua vida a estudá-los e descobriu coisas que nunca imaginava. Guardou para si esses conhecimentos que a ajudaram a ponderar sobre o mundo. Ela se transformou em uma ótima Anciã.

O que ela não esperava era encontrar na entrada do Esconderijo um bebê. Isso nunca tinha acontecido antes, os bebês eram propriedade do Centro de Acompanhamento. Assim como todas as mulheres que buscavam abrigo, a criança precisava de ajuda e Brinna cuidou para que isso fosse feito. A bebê recebeu o nome de Nísia e cresceu protegida no Esconderijo.

A Anciã ensinou tudo o que conhecia para a criança, a fez ler todos os livros Antigos, mostrou como se proteger, ensinou sobre matemática e ciência e deu todas as bases para que ela pudesse se defender na sociedade dos homens. Brinna não sabia mas Nísia antes de receber esse treinamento, já era diferente das outras.

Por problemas técnicos, a Incubadora na qual ela foi feita, misturou os genes femininos e masculinos, o que resultou em um novo gene, totalmente novo e nunca visto antes. Transformando-a em uma mulher mais consciente e disposta a mudar sua realidade, porém com essa questão existencial ainda amortecida.

Nísia dessa forma, não sente que pertence ao Esconderijo e é muito curiosa para ver a superfície, o que Brinna nunca permite. Assim ela vai se conformando com seus dias tediosos, alternados entre aulas com Brinna e andanças pelo Esconderijo. As mulheres de lá nunca falavam sobre seu passado, o que instiga ainda mais Nísia.

Quando as Protetoras do Esconderijo observam guardas de Malbona muito próximos dos limites do lugar, emitem um sinal de alerta para que ninguém saia de lá e revele a posição do Esconderijo para eles. Dessa forma, as Coletoras não conseguem buscar suprimentos por meses e o abastecimento do lugar começa a ficar crítico.

Finalmente depois de muito tempo, as Protetoras informam que há uma brecha e as Coletoras devem sair e voltar o mais rápido que podem para evitar confusões. Vendo uma oportunidade, Nísia pede para poder acompanhar a busca de suprimentos e finalmente poder ver o que há na superfície. Depois de muito ponderar, Brinna concorda, mas com a condição de também ir junto.

Depois que Brinna se tornou Anciã, ela não participa de ações comuns como coletar suprimentos, porém quando Nísia indaga sobre a possibilidade de conhecer a superfície ela pensa que poderia ser um bom exercício de ensino. Porém o que elas não esperavam era cair em uma emboscada de Malbona.

Quando as mulheres estavam voltando para o caminhão, Brinna encontra uma Escória pedindo ajuda e vai até ela, no entanto guardas de Malbona estavam a espera da Anciã e a assassinam no mesmo instante em que ela se separa do grupo. Nísia vê tudo. Nesse momento em diante, tudo é um caos.

As Protetoras reúnem o grupo, entram no caminhão e acham um lugar para se esconderem antes de voltar ao Esconderijo por medidas de segurança. A partir daí, a liderança do Esconderijo é discutida, o grupo de apoio de Brinna explica para Nísia que ela estava sendo preparada para esse momento e é dever dela assumir, enquanto Nísia tenta absorver tudo, um grupo de mulheres questiona se a garota deve liderar, já que ela nunca foi para a superfície e não sabe o que elas passaram.

Nísia decide não deixar a morte de Brinna em vão e mostra para todas que está preparada para assumir a chefia com um plano de salvação das outras mulheres que estão na superfície. Mesmo contrariadas, as mulheres que demonstraram resistência optam por acreditar na Nísia.

Dessa forma um plano é traçado com o conselho formado por Brinna antes de sua morte, Nísia e sua melhor amiga, Gwadenya, que busca vingança pelos maus tratos que sofreu. Nísia quer atacar os homens no Desporto que está próximo e é aconselhada a esperar. Por ser impulsiva, foge no meio da noite e dá início ao seu próprio plano.

Ela se entrega para um dos guardas de Malbona e é levada até a Casa Principal, residência do presidente. Lá ele decide que ela deve participar do Ritual mas que vai ser diretamente classificada como Escória, pois merecia morrer. Nísia é aprisionada e quando o Ritual chega é preparada para enfrentar os três dias de festividade.

No primeiro dia é preparada. No segundo dia, a caminho ao Destino encontra com Gwadenya e explica que não podia ficar parada, pede a amiga para que deixe todas prontas e assim recebesse o sinal, era hora de atacar, confiando no elemento surpresa e na vontade de vencer que elas tinham.

São separadas por um guarda e Nísia se vê frente a frente aos homens mais importantes de Najee. Após participar da cerimônia do Destino e ser classificada como Escória, ela é enviada para o cativeiro e espera o dia seguinte para colocar o plano em ação. Tem que ser muito cuidadosa para não ser vista nas câmeras de vigilância ou pelos guardas de Malbona.

Quando começa o Desporto, Nísia corre para salvar o máximo de mulheres que consegue, muitas recusam ajuda pois não entendem o que está acontecendo. Nísia luta e surpreende os homens, os espectadores vão a loucura, festejando ainda mais aquele jogo. Os Iniciantes parecem gostar dessa luta de Nísia e fazem como objetivo matá-la. No meio da caçada, Nísia repara que um dos homens também está tentando proteger as mulheres e fica intrigada.

Ele observa sempre que pode e decide confrontá-lo. Descobre que o nome dele é Willian e ele explica a ela que não entende o porque a sociedade é assim, que não concorda com esse posicionamento e sente necessidade de ajudar as mulheres como pode. Nísia não se dá por convencida e decide não confiar nele.

Nísia não sabe mas Willian também foi afetado mas em menor escala por uma Incubadora que devido a um defeito mistura os genes femininos e masculinos. Os são os primeiros a fazerem parte de uma nova configuração de sociedade que está em seus primeiros passos.

Na caçada, Nísia sofre um ataque despercebido e é ferida, ela se esconde. Willian a encontra e a ajuda, devido a isso um laço é formado entre eles. Ela se recupera e consegue chamar as outras que estavam esperando o sinal para enfrentá-los. A partir delas enfrentam os homens juntos, devido a esse ataque delas, eles ficam surpresos e demoram a reagir, a platéia vai a delírio achando que é uma edição especial, até os guardas de Malbona interferirem e começarem a lutar.

Muitas mulheres foram mortas e muitos homens também. As mulheres do Esconderijo conseguem salvar todas as Escórias e estão prontas para retornar ao subterrâneo quando Nísia avista uma mulher esquecida, ela volta. Para salvar essa mulher, Nísia fica entre ela e o guarda de Malbona, mais guardas se juntam e conseguem dominar Nísia.

Gwadenya tenta ajudar, mas Nísia a manda resgatar a Escória e essa é a última coisa que ela vê antes de receber uma batida tão forte na cabeça que desmaia. Nísia acorda na mesma

cela em que esteve antes do Ritual, Malo está lá e explica a Nísia sua verdadeira origem e seu gene, fala de William e explica o que ela causou na sociedade. Mulheres dizendo não aos seus companheiros, mulheres lutando e saindo de um estado de inércia, elas reagindo.

Malbona informa que não pode deixar isso acontecer mais e que precisa torturá-la e depois matá-la em praça pública. Todos os cidadãos da cidade são obrigados a comparecer em mais um dia do Ritual extraordinário. Nísia está na praça amarrada e recebe chicotadas de um dos guardas.

Enquanto isso, Malo Malbona narra como o que Nísia fez é errado e uma coisa sem pensar de uma mulher que enlouqueceu no mundo, por isso ela merece castigo. É possível perceber que algumas pessoas não concordam com o presidente. Então o grupo do Esconderijo aparece para salvá-la e uma nova batalha se instaura na principal praça de Najee. Um tiro é dado e Nísia já não consegue ver mais nada.

É necessário também, para Brasil (2019), determinar o tempo e o espaço em que a narrativa ocorre logo no começo, bem como a focalização da história. Para se conectar com o leitor, é necessário explorar todos os sentidos dele por meio das palavras, ou seja, é preciso ter o domínio do material narrativo.

6.3.8 Linha do tempo da história do livro

A linha do tempo é importante para a narrativa por oferecer ao escritor em relação a organização dos eventos e a associação de causa e feito.

- Nísia começa a questionar o lugar dela
- Nísia duvida de si mesma
- Nísia questiona o sistema da sociedade dos homens
- Nísia quer ir para a superfície agora que já está mais velha
- Brinna pondera

- As meninas que protegem o Esconderijo observam e percebem que há uma desconfiança por parte dos guardas de Malbona em relação ao Esconderijo e que eles ficam rondando os limites do lugar dessa forma as coletoras não conseguem ir atrás de suplementos por meses
- Finalmente há uma brecha para a saída segura dessas meninas e elas precisam correr
- Brinna autoriza Nísia a ir para a superfície, mas a acompanha apesar de ser uma tarefa rotineira e que não precisaria de uma Anciã.
- Elas saem e encontram uma mulher machucada na superfície perto do posto de abastecimento
- Brinna vai ajudar a mulher
- Brinna vai até a mulher para ajudá-la e acaba caindo em uma emboscada
- Brinna é instantaneamente morta
- Nísia vê tudo e sente que seu mundo acabou
- As meninas voltam para o Esconderijo
- Elas ponderam o que deve ser feito agora
- Enquanto algumas meninas querem que Nísia assuma o comando, outras não querem
- Nísia se esquia de tudo por alguns dias, ponderando o que deve ser feito
- Decide que não vai deixar a morte de Brinna em vão e resolve interferir na sociedade dos homens
- Nísia tem que lidar com as outras mulheres questionando o lugar dela no Esconderijo
- Conta com a ajuda da melhor amiga e algumas mulheres que estavam a frente do Esconderijo junto com Brinna e que sabiam do plano de Brinna para deixar a liderança do Esconderijo para Nísia
- Um conselho com essas mulheres é formado para planejar a ajuda dessas mulheres que estão na Caçada

- Nísia sabe que o dia do Ritual está chegando e como é impulsiva não quer esperar o conselho decidir os próximos passos
- Sozinha vai até os guardas de Malbona e se entrega
- Questionando o que deve fazer com Nísia, Malbona acredita que é melhor colocá-la junto com as outras meninas para o Ritual
- Nísia é preparada para o Ritual
- No dia do Ritual ela se encontra com o conselho e explica que não podia ficar parada, fala que seu plano é lutar com os homens e proteger as mulheres, assim que eles cansarem ou desistirem, ao soar o sino sinalizando o final da Caçada, elas se encontrariam e levariam as mulheres para o esconderijo
- Não há tempo para discussões, um dos guarda vê Nísia e interrompe o encontro
- Nísia discute com o conselho e vai para a Escória
- Nísia não pode contar seu plano para as mulheres da Escória pois essas mulheres acreditam nesse sistema e recusariam a ajuda
- Nísia não pode contar pois o governo vigia todas as horas o cativeiro
- Nísia parte em direção a caçada
- Nísia chega no lugar da caçada
- Começa a caçada e Nísia encontra dificuldade em ajudar as mulheres já que elas não aceitam ajuda
- Nísia começa a lutar com os homens e eles se surpreendem
- Os homens ficam intrigados e acham divertido, fazem como objetivo matar Nísia
- Nísia encontra Will e percebe que ele também está tentando ajudar as mulheres
- Nísia fica confusa e o intimida buscando respostas

- Nísia fica gravemente ferida e não consegue mais lutar, ela se esconde
- Ele a encontra e a ajuda.
- Eles se aproximam
- Nísia percebe que sozinha, só com a ajuda de Will não consegue
- Manda um sinal para as outras mulheres
- As outras chegam
- Com ajuda de Will ela consegue ajudar as mulheres
- As outras se juntam
- Os guardas de Malbona interferem
- Começa uma guerra
- Tudo vai está um caos e falta apenas uma Escória para ser encontrada
- Nísia vê a última mulher e volta para salvá-la
- É encontrada e rendida pelos guardas
- Vai para a prisão
- Entende seu lugar no mundo
- Entende de onde veio
- Mostra seu valor
- Morre

6.3.9 Relação onomástica

A relação onomástica é investigação linguística dos nomes próprios e neste trabalho serve para dar luz as nomenclaturas utilizadas no romance. A ideia é que, por ser uma história que se passa no futuro, os nomes e termos sejam diferentes das utilizadas no século XXI.

- Najee: escolhido pelas traduções nos idiomas Ibgbo, que significa vá em frente; Irlandês, sim; e Alemão, não.
- Nísia: em homenagem a Nísia Floresta Brasileira Augusta, educadora, escritora e poetisa brasileira nascida em 1810. Foi a primeira a desenvolver conceitos de educação feminista do Brasil, teve protagonismo nas letras, no jornalismo e nos movimentos sociais.
- Brinna: tradução do idioma Frísio e significa queimar. Simboliza o processo de transformação que a personagem iniciou em Najee.
- Gwadenya: é um nome inspirado na palavra Cebuana e significa ganho. Utilizei pois a personagem principal a recebeu como melhor amiga.
- Cora: é a versão latinizada do grego Kore, na mitologia, esse era outro nome dado a deusa Perséfone, que foi raptada por Hades e levada para o submundo.
- Priamos: é um nome relacionado ao personagem da mitologia grega que é filho de Laomedonte e rei de Troia.
- Lenoox: devido a sonoridade e o contraste com a palavra Priamos.
- Texas: de tecelagem, trabalho manual.
- Dignas: aquela que é merecedora, honrada.
- Escórias: pessoas que são consideradas desprezíveis ou irrelevantes.
- Willian: o nome significa "aquele que protege", o personagem é referido assim pela função que desempenha na narrativa.

7. REFLEXÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foram discutidos temas de caráter sociológico e comunicacional. A abordagem do feminicídio e os impactos que este problema de saúde pública engloba foram fundamentais para estabelecer a relação com o romance produzido.

A importância social desse fenômeno é explícita nos números apresentados neste trabalho, porém vale ressaltá-los, em 2017 foram assassinadas cerca de 4.936 mulheres, o maior número registrado em 10 anos¹⁵. Destas vítimas, apenas 43% dos processos tiveram a investigação em curso, com 4% de arquivamento e 3% de desclassificação¹⁶.

Isso salienta outro ponto já discutido: a insuficiência de medidas públicas eficientes que protegem as mulheres e a amnésia histórica que permite uma cultura brasileira essencialmente machista. Com tudo isso exposto, parte-se para uma perspectiva de um futuro pior que é, exatamente, o que aborda o gênero distópico estudado neste artigo.

É do comportamento humano refletir sociologicamente as instabilidades e contextos históricos em que se estão inseridos. Portanto, uma realidade em que mulheres são assassinadas pelo simples fato de serem mulheres, condiz com a realização de um romance distópico sobre esse tema.

A distopia é uma ferramenta de advertência e alerta para as mudanças. É um ato de catarse que se investido em públicos jovens, pode transformar uma realidade, que é a problemática que este projeto buscou alcançar.

Vale considerar que houve desafios enfrentados durante a produção dessa narrativa. Um deles foi trazer um tema tão cheio de camadas e repleto de violências para um público adolescente que está saindo de uma fase de inocências e começando a lidar com relacionamentos e descobertas sexuais. E, para além disso, buscar, ainda, despertar nesses indivíduos reflexões acerca do feminicídio. Para sanar essa situação, consumi muita literatura jovem-adulta afim de entender a linguagem e formas de abordar situações como as apresentadas em *As filhas da escuridão*.

A escolha do nome também foi particularmente difícil para mim. Tentei de diversas formas abordar um título que tivesse impacto e, ao mesmo tempo, fosse interessante para os leitores. Originalmente o romance foi chamado de *Os gritos dos Sussurros*, mas, depois de

¹⁵ Disponível em:

http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Atlas_2019_infografico_FINAL.pdf

¹⁶ Dados sobre inquéritos que apuram crimes de feminicídio instaurados entre 10/03/2016 a 10/03/2017.

Disponível em: <https://bit.ly/37LXzJG>

bastante pesquisa e análise de outras obras, decidi por *As filhas da escuridão*. Essa expressão remete tanto as mulheres que viviam no Esconderijo quanto toda a geração de meninas que cresceu as sombras da Grande Quebra.

De maneira geral, a experiência de autoria foi bastante prazerosa e impactante. Mergulhei na história junto com a Nísia e as outras personagens. Passei por tudo o que elas passaram, chorei escrevendo a morte da Anciã e por muitas vezes quis que quem morresse fosse o Malbona. Foi uma montanha russa de emoções e eu não poderia estar mais orgulhosa.

8. REFERÊNCIAS

ANDRADE A., REIS T. *Jogos Vorazes: um dispositivo de análise da sociedade contemporânea*. Revista Pandora Brasil Letras em Foco. São Paulo, nº 83, p. 1 a 15, junho. 2017. ISSN 2175-3318. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/letras_83/andreza_thais.pdf. Acesso em 20 de abr de 2019.

AUAD, D. *Feminismo: que história é essa?* DP & A, 2003.

BARBOSA A. *O espaço, o humano e o espetáculo na distopia pós moderna de Jogos Vorazes*. São João del-Rei, 2017, p. 102. (Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras).

BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. 1987.

BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet, 1967, 2.

BLOCKEEL, F. *Sobre literatura juvenil portuguesa contemporânea: identidade e alteridade*. Instituto Politécnico de Beja. Escola Superior de Educação, 2002.

BORGES V. *História e Literatura: Algumas Considerações*. Goiás, Revista de Teoria da História, ano 1, nº 3, p. 94-109, junho. 2010. ISSN 2175-589294.

BRASIL. L.A.M (2019). *Escrever ficção: Um manual de criação literária*. São Paulo: Companhia das letras.

CERQUEIRA D. *et al.* Homicídio de mulheres. In: _____. *Atlas da Violência 2018*. Rio de Janeiro: Ipea, Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP); 2018.

COUTINHO, P.; PESTANA, O. *eBOOKS: evolução, características e novas problemáticas para o mercado editorial*. Páginas a&b: arquivos e bibliotecas, 2015, 169-195.

CRENSHAW, K. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Revista estudos feministas, 2002, 10.1: 171.

CRUVINEL, L. W. F, et al. *Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero*. 2009.

DE JESUS, J. G. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, 2012.

DRUMONT, M. P. *Elementos para uma análise do machismo*. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, 1980.

DUARTE, A. C. S., KATIWCE, C. C. *FEMINICÍDIO NO BRASIL: Impacto da pandemia na violência contra a mulher*. Revista Ânima Educação. Disponível em: Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/24935>. Acesso em: 12 de mar de 2023.

FARIAS, C. *Um Estudo Sobre O Corpo Na Literatura Juvenil Distópica*. Anais do VIII SAPPIL-Estudos de Literatura, 2017, 1.1.

FIORIN, J.L. *Interdiscursividade e intertextualidade*. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2019). Anuário brasileiro de segurança pública.

ISER, W. *A interação do texto com o leitor*. In: LIMA. Luiz Costa (org.). A literatura e o Leitor – Textos de Estética da Recepção. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. (v. 36).

MENEGHEL E, PORTALLA A. *Feminicídios: conceitos, tipos e cenários*. Ciênc. Saúde Coletiva [online]. 2017, vol.22, n.9, pp.3077-3086. ISSN 1413-8123. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-3077.pdf>>. Acesso em: 20 de abr de 2019.

MICHEL F. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

PASINATO W. et al. *Diretrizes nacionais Feminicídio. Investigar, processar e julgar com a perspectiva de gênero*. As mortes violentas de mulheres. Brasília: ONU Mulheres, Secretaria de Política para as Mulheres, Secretaria Nacional de Segurança Pública; 2016.

RODRIGUES, P. *A Narrativa Distópica Juvenil: um estudo sobre Jogos Vorazes e Divergente*. Porto Alegre, 2015, 92 p. (Trabalho apresentado como requisito para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).

VENTURI G, GODINHO T. (Org.) *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública*. São Paulo: 2013.